



ID: 115520436

07-02-2025



Miguel Arruda (na foto) é suspeito de roubo malas em aeroportos.

Casos no Chega afetam Ventura? "A menos que seja visado, consegue aguentar o embate"

JUSTIÇA Roubo de malas, condução sob efeito de álcool e suspeitas de prostituição de menores são os três casos que abalaram o Chega. Ao DN, o investigador Riccardo Marchi diz que o impacto não será considerável.

TEXTO RUI MIGUEL GODINHO

O primeiro caso em três semanas foi o de Miguel Arruda, deputado na Assembleia da República, e constituído arguido por suspeitas de roubar malas em aeroportos. Entretanto, mais dois abalaram as hostes do Chega: José Paulo Sousa, deputado regional nos Açores, acusou uma taxa de álcool no sangue de 2,25g/l superior ao limite criminal (1,2g/l), e Nuno Pardal Ribeiro, até agora vice-presidente da distrital e deputado municipal em Lisboa (entretanto deixou os dois cargos), foi acusado pelo Ministério Público de dois crimes de prostituição de menores agravados.

Ouvido pelo DN, o investigador Riccardo Marchi diz ser necessário "diferenciar os níveis de análise". Junto "da opinião pública geral", estes casos podem "passar a



"Não podemos ter uma cara para dentro e uma para fora. Defendi há cinco anos e defendo que quem é pedófilo deve ser castrado quimicamente. Esta é a diferença do Chega."

André Ventura
Líder do Chega

ideia" que o partido é, no fundo, "cada vez menos diferente" dos outros – algo que o Chega sempre argumentou ser. Ou seja: "Chegou para romper com a elite corrupta, mas está muito permeável à corrupção moral na sua própria elite." E junto "do eleitorado da esquerda e do comentariado crítico do Chega", diz Riccardo Marchi, "estes escândalos são a confirmação do que sempre acharam: o partido "é um bando de malfetores pior, até, que a elite incumbente que tanto criticam". E junto do "eleitorado do Chega e da opinião pública mais simpática com o partido"? A "tendência" é "diferenciar estes escândalos pontuais com a imagem do partido e do líder, sendo que estas duas últimas até se fundem", analisa o professor convidado do ISCTE-IUL.

Nuno Afonso, fundador do Che-

ga e antigo número dois do partido, concorda. "Se André Ventura fica afetado? A resposta é não. A liderança é intocável", considera. O líder do partido, acusa Nuno Afonso, "faz o que quer" no Chega. Exemplo disso é o caso dos estatutos, que "definem que Ventura pode escolher quem lidera as distritais, mudando as presidências a seu bel-prazer", crítica o ex-dirigente, que saiu do partido em 2023.

Ventura assume que "não é bom momento" para o partido
Numa primeira reação ao caso de Nuno Pardal Ribeiro, conhecido ontem, André Ventura assumiu que este "não é um bom momento" para o partido.

Falando antes da sessão plenária de ontem, o presidente do Chega recusou a ideia de estar fragilizado na liderança do partido e defendeu que "quem abusa menores deve ser castrado". O Chega não pode "ter uma cara para dentro e uma para fora", disse, admitindo que "o caso [de Nuno Pardal Ribeiro] é grave". "Defendi há cinco anos e defendo que quem é pedófilo deve ser castrado quimicamente", seja o seu "pai, irmão, amigo, tio, colega de infância". "Esta é a diferença" entre o Chega e os outros partidos, sublinhou, defendendo ainda que Nuno Pardal Ribeiro deve renunciar ao cargo de vice-presidente da distrital e renunciar ao mandato – algo que já fizera.

Líder "consegue aguentar embate" se não for "visado"

Para Riccardo Marchi, Ventura sairá deste caso sem grande moça – pelo menos para já. "Até ser diretamente visado, o líder do partido consegue aguentar o embate", diz.

Contudo, "quando/se o escândalo atinge um líder diretamente, pode ser o fim da carreira e ter consequências inultrapassáveis". Exemplos? "O caso de Heinz-Christian Strache, presidente do FPÖ, da Áustria, descoberto a 'fletar' com magnatas russos, ou o líder da direita italiana, Gianfranco Fini, que foi descoberto a apropriar-se de bens móveis do partido [Movimento Social Italiano]." E conclui: "Não me lembro de nenhum caso em que o escândalo que afetou um deputado, um dirigente, uma personagem de relevo de um partido, tenha enfraquecido o líder, principalmente se este atua tempestivamente, como foi o caso de Ventura", conclui o investigador.

OS CASOS

AS MALAS

No passado mês de janeiro, Miguel Arruda, à altura deputado do Chega eleito pelos Açores, foi constituído arguido pelo Ministério Público por suspeitas de furtar malas nos tapetes dos aeroportos. Em causa estão suspeitas de crimes de furto qualificado e contra a propriedade. Entretanto, Miguel Arruda desfilou-se do Chega e passou a deputado não-inscrito. Tirou depois alguns dias de baixa, gozando-os nos Açores, regressando ontem ao Parlamento, onde esteve em silêncio.

O ÁLCOOL NO SANGUE

No passado domingo, dia 2 de janeiro, José Paulo Sousa, deputado do Chega na Assembleia Regional dos Açores foi mandado parar numa operação STOP da PSP. Acusou uma taxa de alcoolemia de 2,25g/l – superior à taxa crime (1,2g/l) –, crime punível com pena de prisão até um ano ou com pena de multa de 120 dias. Nas redes sociais, José Paulo Sousa já pediu desculpa e falou numa "escolha irracional", que o envergonha. Entretanto, o Chega-Açores disse ao *Açoriano Oriental* que o partido foi apanhado de surpresa e disse que vai avaliar o caso na reunião do grupo parlamentar, que se realiza na segunda-feira.

A PROSTITUIÇÃO DE MENORES

Nuno Pardal Ribeiro tornou-se no terceiro caso a abalar o Chega. Pela manhã, o *Expresso* noticiou que o deputado municipal em Lisboa e vice-presidente da distrital do partido era suspeito de pagar a um rapaz de 15 anos em troca de relações sexuais. Não negando o encontro com o jovem, Nuno Pardal Ribeiro fala numa "situação desagradável" para "todas as partes" e disse desconhecer "por completo" que se tratava de um menor de idade. Na sequência do caso, renunciou ao mandato na Assembleia Municipal e já garantiu que vai sair de todos os cargos do partido.